

Reflexões sobre uma narrativa em um contexto de ensino da Libras como segunda língua para crianças ouvintes

*Reflections about a narrative in a context of Brazilian
Sign Language teaching as a second language for
hearing children*

Danielle Vanessa Costa Sousa*

Resumo: Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado. A pesquisa-ação foi a abordagem metodológica central deste estudo, que orientou tanto a formulação dos objetivos gerais e específicos, quanto o processo de geração de dados. O objetivo deste trabalho é apresentar a análise do segmento “Contaçon da fábulã em Libras”, o segundo de um grupo de cinco segmentos transcritos sobre a tarefa “A lebre e a tartaruga”, com foco nos recursos icônicos, sinais e gestos utilizados na contaçon da fábulã para as crianças ouvintes. Destacam-se as estratégias de repetições de enunciados, uso de gestos emblemáticos e descritivos em substituiçãõ aos sinais convencionais da Libras utilizadas por Fernanda, uma das colaboradas da pesquisa, durante a narrativa da fábulã. Conclui-se que os recursos icônicos, a repetiçãõ dos sinais e o uso de gestos emblemáticos utilizados pela bolsista na contaçon da fábulã contribuíram para a sua compreensãõ pelas crianças, bem como ampliaram a participaçãõ delas durante a narrativa.

Palavras-chave: Ensino de Línguas. Libras. Crianças ouvintes.

* Universidade Federal de Santa Catarina.

Abstract: *This article is a cut from my master's thesis. The action research was the central methodological approach of this study, which guided both the formulation of general and specific objectives, as well as the process of data generation. The objective of this work is to present the analysis of the segment "Narrative of the fable in Brazilian Sign Language", the second of a group of five segments transcribed on the task "The hare and the turtle", focusing on the iconic resources, signs and gestures used in the narrative of the fable for the hearing children. We highlight the strategies of repetition of statements and the use of emblematic and descriptive gestures instead of the conventional signs of the Brazilian Sign Language used by Fernanda, one of the research collaborators, during the narrative of the fable. It is concluded that the iconic resources, the repetition of the signs and the use of emblematic gestures used by the scholarship holder in the account of the fable contributed to the children's understanding of the fable, as well increased as their participation during the narrative.*

Keywords: *Language teaching. Brazilian Sign Language. Hearing children.*

1. Contextualização inicial

Ao ingressar no mestrado, o tema de minha pesquisa, originalmente voltado ao ensino da Libras como segunda língua (doravante L2) para ouvintes, foi mais direcionado para o contexto das crianças ouvintes na educação infantil, aproveitando a circunstância de meu orientador estar desenvolvendo, na ocasião, um projeto de extensão intitulado "Libras na Creche".

Esse projeto de extensão foi inspirado pela proposta de Grannier (2007), que sugere uma política pública de inclusão de profissionais surdos falantes da Libras nas creches públicas e particulares do Brasil. A autora argumenta que a interação entre surdos e ouvintes promovida por tal política possibilitaria uma disseminação de uma maneira mais natural da Libras entre a população ouvinte no Brasil, fortalecendo o processo de inclusão social e educacional no país.

O projeto "Libras na Creche" foi idealizado em 2012 e iniciou-se em 2013, englobando, em seus quatro anos (2013-2016), diferentes participantes. Dele participaram o professor Dr. Tarcísio de Arantes Leite, seu idealizador e orientador desta pesquisa, alunos do mestrado e do doutorado da UFSC, alunos da graduação em Letras-Libras, professores e funcionários do Centro

de Educação Infantil (CEI¹), como também as crianças ouvintes matriculadas na escola, dos grupos 3/4B, 5B e 6B e 4/5B².

Como objetivo principal, o projeto trouxe o desenvolvimento de atividades lúdicas em Libras, envolvendo professores surdos e a Libras em instituições de educação infantil (LEITE, 2014), no âmbito dessa etapa escolar. Assim, visando fortalecer esse trabalho que já estava em curso, meu projeto de mestrado surgiu com a proposta inicial de explorar ideias oriundas do campo de pesquisa sobre metodologias de ensino de L2 nas atividades lúdicas.

As propostas Resposta Física Total³ (ASHER, s/d; 2007; 2009; LARSEN-FREEMAN, 2000; OLIVEIRA, 2014; RICHARDS; RODGERS, 2001) e *Role Play*⁴ (LADOUSSE, 2001) foram as metodologias que mais me interessaram, por considerar que a corporalidade e a teatralidade enfatizadas nessas propostas seriam bem recebidas pelas crianças. No entanto, no decorrer da pesquisa, os aspectos socioculturais e situacionais presentes nas interações e na realização das atividades lúdicas em Libras ganharam mais visibilidade, sendo esses aspectos o nosso foco principal de investigação.

Entre os anos de 2015 e 2016, período do mestrado, realizei diversas ações visando o desenvolvimento da pesquisa, utilizando como abordagem metodológica central a pesquisa-ação (CHIZZOTTI, 2001; FRANCO, 2005; TRIPP, 2005; THIOLENT, 2011). De acordo com essa abordagem, planejei, implementei e avaliei, de forma cíclica, as tarefas em Libras, sempre em diálogo com as colaboradoras Paula⁵ (a professora do grupo 4/5B⁶) e

¹ Nome fictício utilizado para preservar o anonimato da escola, contexto desta pesquisa.

² Grupos 3/4B, 5B e 6B e 4/5B: crianças de 2 a 3 anos; 4 a 5 anos; 5 a 6 anos e 3 a 4 anos, respectivamente

³ O método Resposta Física Total foi elaborado pelo professor estadunidense de psicologia James J. Asher, nos anos de 1960 e 1970. Esse método faz parte do grupo da Abordagem de Compreensão, assim designada por sua ênfase na compreensão auditiva (LARSEN-FREEMAN, 2000). Está baseado na coordenação da fala e da ação, cujo objetivo é associar a linguagem à atividade física, trazendo como característica principal o uso dos movimentos corporais como mecanismos de aprendizagem de línguas.

⁴ *Role play* é um tipo de interação em que os alunos assumem papéis em um ambiente seguro, como a sala de aula, onde podem ser inventivos e lúdicos à vontade, criando de maneira espontânea sua própria realidade, desenvolvendo a habilidade de interagir com outras pessoas. Os riscos da comunicação no mundo real não aparecem e não atentam contra a autoimagem do aluno, o que aumenta a sua autoconfiança, em vez de diminuí-la (LADOUSSE, 2001).

⁵ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora.

⁶ Grupo selecionado para participar do projeto de geração dos dados desta pesquisa

Fernanda⁷ (bolsista surda do Projeto Libras na Creche). Como instrumentos de geração dos dados, utilizei gravações em vídeo das atividades, diários de campo, questionários semiabertos de caráter avaliativo para a professora e para a bolsista.

Conforme mencionei, embora o interesse inicial fosse o de ver possíveis contribuições da área de metodologias de ensino de L2 para o nosso contexto de atuação, a partir da análise sistemática dos dados gerados, percebi que, em vez de focar neste objetivo, deveria deslocar o cerne da atenção para os aspectos socioculturais e situacionais que podem dificultar ou facilitar o processo de inclusão envolvendo a pessoa surda e a Libras na escola.

Para fins de análise, utilizei apenas os dados gerados em 2016, especificamente a segunda tarefa, intitulada “A lebre e a tartaruga”, pertencente ao segundo encontro do ciclo de atividades desenvolvidas em 2016.1. Considerando a riqueza das situações de interação envolvendo as crianças e a grande quantidade de dados gerados na pesquisa, escolhi essa tarefa por utilizar como foco da análise uma dessas situações que me pareceu particularmente rica para as questões abordadas no projeto.

Esta pesquisa de mestrado está situada no campo da educação bilíngue (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007; GARCIA, 2009, LEITE, 2008; McCLEARY, 2006), voltada aos grupos e às línguas em contextos minoritários (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007; MAHER, 2007). Desse modo, este estudo é oriundo da necessidade de oportunizar uma reflexão sobre o ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes, bem como sobre a necessidade de se construir uma sociedade bilíngue mais justa, na qual crianças surdas possam se relacionar não somente com seus pares surdos, mas também com crianças ouvintes, para que sejam dirimidas situações de desconhecimento, isolamento e preconceito.

2. Contextualização teórica

Os estudos linguísticos sobre as línguas naturais ficaram restritos, durante muito tempo, à língua oral, pois, devido ao seu *status* imperativo,

⁷ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da bolsista.

qualquer outra forma de comunicação, como as línguas de sinais, era considerada inferior e incomparável às línguas orais. No entanto, a partir das pesquisas de William Stokoe (1960), na década de 60, ao apresentar uma análise descritiva da língua de sinais americana (ASL) que revolucionou a linguística da época, Stokoe constatou o *status* linguístico da ASL, a sua complexidade, colocando-a em igualdade com as línguas orais, constatando que as línguas sinalizadas atendem a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína (KLIMA; BELLUGI, 1979; McCLEARY; VIOTTI, 2011).

Em 1960, Stokoe (1960) publicou uma importante obra, intitulada *Sign Language Structure* e, em 1965, a obra *Dictionary of American Sign Language*, publicada em parceria com os autores Dorothy Casterline e Carl Croneberg (LEITE, 2008). Ambas as publicações contribuíram com pesquisas futuras sobre as línguas de sinais, bem como proporcionaram maior prestígio e autonomia em relação às línguas orais.

Liddell (2000, 2003) e Lillo-Martin (1986) são importantes autores que também apresentaram evidências acerca da existência de todos os níveis de análise dessa língua, por meio de pesquisas sobre a ASL, assim como Cuxac (2000), em seu estudo seminal sobre a Língua de Sinais Francesa (LSF), no qual discute as diferenças entre línguas orais e línguas sinalizadas.

Klima e Bellugi (1979), por meio do livro *The Signs of Language*, consolidaram as descobertas e concepções de Stokoe sobre as línguas de sinais, ao perceberem que elas são eficientes meios de comunicação utilizados pelas comunidades surdas em diversos países e que possibilitam aos seus usuários expressar ideias, sentimentos, nos mais diferentes estilos e registros, passando a integrar, a partir dessas características definidoras, o contexto dos estudos linguísticos.

No Brasil, os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais tiveram início na década de 80, com Lucinda Ferreira Brito (1984; 1988; 1990; 1993; 1995). Ela realizou pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), produzindo um trabalho seminal intitulado *Por uma gramática da língua de sinais* (1995), no qual há menções às estruturas constituintes dos universais linguísticos (i.e. fonológico, morfológico, sintático e semântico).

Outro dado importante mencionado por esta autora versa sobre a Língua de Sinais usada na comunidade indígena Urubu-Kaapor, localizada no Alto Turiçu, no interior do estado do Maranhão, apontado por ela como diferente da língua falada nos centros urbanos. Os estudos realizados por Brito foram relevantes para a ampliação das pesquisas sobre a Libras e a língua de sinais Urubu-Kaapor, bem como para a conquista da autonomia dessas línguas.

Apesar do grande avanço nos estudos voltados para as línguas de sinais, ainda é preciso esclarecer algumas concepções míticas sobre as línguas de sinais. Por exemplo, as línguas de sinais não são universais, pois cada país apresenta a sua respectiva língua. A língua de sinais americana (ASL) difere da língua de sinais britânica (BSL), que difere da brasileira (Libras), e assim por diante. Elas apresentam variações regionais e, em qualquer localidade, elas possuem todos os aspectos linguísticos, e suas estruturas gramaticais não dependem das línguas orais, trazendo como característica seu aspecto viso-gestual (BRITO, 1995).

Outra questão que merece ser abordada, pois se encontra relacionada com as características e estruturas das línguas naturais, é a da arbitrariedade e da iconicidade (WILCOX, 2004), visto que a primeira é tida como um aspecto marcante das línguas naturais, enquanto a segunda é considerada uma das características centrais das línguas de sinais. Para tratar dessas particularidades das línguas naturais, apresento algumas interpretações, oriundas, principalmente, de estudos linguísticos da Libras e da Língua de Sinais Americana (ASL).

Klima e Bellugi (1979) afirmam que os surdos utentes da ASL fazem uso de diversos componentes gestuais, que vão desde o uso de sinais convencionais à elaboração da representação mimética, incluindo também a pantomima livre, isto é, os autores consideram vários aspectos da língua que se manifestam em diferentes configurações. Para os autores, não só a iconicidade faz parte da língua de sinais, mas também um sistema combinatório, que compreendemos como arbitrariedade.

Além de suas qualidades representacionais icônicas, os sinais exibem outro nível de organização, um nível componencial. Os sinais da ASL parecem ser processados, codificados e produzidos por usuários nativos, não em termos de

suas qualidades representacionais gerais, mas constituídos por um conjunto limitado de elementos de um sistema combinatório. (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 28 – tradução nossa)⁸.

Complementando a concepção de Klima e Bellugi (1979), trago a visão de Taub (2001) acerca da iconicidade na ASL. A autora afirma que existem diferentes possibilidades de representações icônicas para um único sinal. Para Taub (2001), a iconicidade não pode ser considerada um aspecto da língua que possibilita uma relação direta e objetiva entre a imagem e o referente, uma vez que a relação icônica entre significante e significado é convencionalmente definida pelos falantes a partir de sua cultura e de fatores externos ao sistema linguístico, na formação dos sinais.

Além das contribuições dos autores supracitados sobre arbitrariedade e iconicidade nas línguas de sinais, destaco alguns trabalhos relacionados ao tema (LEITE, 2000, 2005, 2006, 2008, 2014; McCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010; McCLEARY; LEITE, 2009, 2013; McCLEARY; VIOTTI, 2009 e McILVENNY, 1995), pois, embora não detalhe neste artigo as propostas dos autores, esses trabalhos têm ampliado e contribuído com as pesquisas sobre a língua de sinais, com ênfase nos estudos da gestualidade e da comunicação em Libras a partir de contextos interacionais.

3. Contextualização metodológica

A presente pesquisa, do ponto de vista da forma da abordagem adotada, caracteriza-se como qualitativa e empírica, inspirada nos passos metodológicos da pesquisa-ação.

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é caracterizada como um dos inúmeros tipos de investigação-ação. Esse termo, usado pelo autor de forma genérica, refere-se a todo e qualquer processo que aconteça por meio de um ciclo composto por planejamento, implementação e avaliação de ações, que buscam uma mudança para o aprimoramento das práticas, aprendendo

⁸ Original: “*In addition to their iconic representational qualities, then, signs exhibit another level of organization, a componential level. ASL signs appears to be processed, coded, and produced by native signers, not in terms of their overall representational qualities, but rather as constituted of a limited set of elements of a combinatorial system*” (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 28).

mais, no correr do processo, tanto a respeito das ações, quanto da própria investigação.

Para Thiollent (2011, p. 20), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, associada a uma ação, que tem de intuito de elucidar ou apresentar possíveis soluções sobre um problema coletivo da situação investigada, “no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”.

Considerando os passos metodológicos da pesquisa-ação – isto é, planejamento, implementação e avaliação – as tarefas produzidas, antes de serem realizadas com as crianças, foram planejadas pela pesquisadora e apresentadas para a bolsista surda e para a professora do grupo 4/5B do Centro de Educação Infantil (CEI), para que fossem incorporadas as contribuições das colaboradoras.

As tarefas realizadas foram filmadas e a pesquisadora, durante a sua participação nesses encontros, também pôde fazer observações, mais tarde transformadas em diário de campo. Semanalmente, questionários abertos foram disponibilizados para a professora, bem como foram solicitados *feedback* da bolsista sobre as tarefas. Os planos das tarefas pedagógicas foram compartilhados também com as colaboradoras da pesquisa, acrescidos das reuniões que ocorreram para avaliação das tarefas.

Essa fase da pesquisa visou oportunizar o compartilhamento das visões das colaboradoras com a pesquisadora, sobre as tarefas, sobre as crianças e as interações realizadas com elas, se os objetivos das aulas foram alcançados, alterados, como e por que, para que avaliássemos se seria necessário permanecer com ou modificar as ações definidas para a realização das tarefas.

A partir das características da pesquisa-ação, o ciclo sistemático desta pesquisa configurou-se da seguinte maneira: planejamento das tarefas pedagógicas, reunião com as colaboradoras da pesquisa, avaliação dos resultados, planejamento de novas ações/tarefas e análise dos dados gerados.

3.1 Instrumentos de geração de dados

Como instrumentos de geração de dados, utilizei questionários, para aprofundar a compreensão sobre o ponto de vista da professora e da bolsista a respeito das tarefas realizadas e do desenvolvimento das crianças, no que diz respeito à interação e à motivação. Os questionários foram compostos de perguntas contextualizadas em torno do tema da tarefa trabalhada.

Outro instrumento utilizado na pesquisa foi o diário de campo, no qual fiz anotações sobre o desenvolvimento das tarefas, que foram utilizadas e incluídas na análise e discussão dos dados, quando necessário. Durante dois meses, foram realizados nove encontros, todos com uma média de duração de 35 a 50 minutos.

Nesse período, mantive o diário, no qual anotei informações relacionadas à compreensão, à participação e ao engajamento das crianças a respeito do que ocorreu na tarefa. Registrei também como Fernanda⁹ a conduziu e como foi a interação dela com as crianças, bem como foi a participação e a intervenção da professora Paula, quantos bolsistas estavam presentes na sala, o local onde ocorreu a tarefa, os recursos e materiais utilizados.

Além dos instrumentos supracitados, a videogravação foi utilizada para registrar as tarefas pedagógicas em Libras, além de possibilitar a repetição das imagens registradas quantas vezes fossem necessárias. Esse recurso metodológico permitiu acessar detalhes da interação, perceber o cenário, o ambiente de pesquisa e observar pontos que nem sempre foram percebidos no encontro.

3.2 Procedimentos de tratamento dos dados

A transcrição dos dados desta pesquisa foi de grande complexidade, visto que envolveu mais de uma língua, neste caso, a Libras e a Língua Portuguesa. Encontrar um sistema de transcrição que contemplasse as propriedades das línguas de sinais ainda é bastante complexo, embora as

⁹ Bolsista do projeto de extensão Libras na Creche.

línguas já tenham conquistado visibilidade, principalmente nos estudos linguísticos. No entanto,

[...] a questão da transcrição de dados de línguas sinalizadas é particularmente complexa, na medida em que essas línguas não contam com um sistema de escrita largamente aceito que possa servir de base para sua transcrição. Por isso, há diferentes propostas de representação das línguas de sinais. (McCLEARY; VIOTTI, 2005, p. 24).

Desta forma, para a transcrição dos dados, selecionamos o *software* EUDICO *Language Annotator* (ELAN), um programa que está sendo amplamente utilizado pelos pesquisadores brasileiros. Por ter sido projetado para análise de línguas, com destaque para as línguas de sinais e gestos, este *software* permite ao pesquisador que ele reveja as videograções, em diferentes velocidades e diversas vezes, facilitando a anotação dos dados gerados (McCLEARY; VIOTTI, 2007).

De acordo com Leite (2008), existem muitas razões que justificam o uso desse programa em pesquisas. Dentre as destacadas pelo autor e que foram pertinentes nesta pesquisa, resalto:

i) a compatibilidade com PCs; ii) a sua distribuição gratuita na internet; iii) a sua crescente utilização em pesquisas em diversas línguas do mundo; iv) o fato de ter sido projetado para viabilizar uma transcrição mais eficiente das LSs; v) as atualizações contínuas e a abertura dos desenvolvedores do programa a sugestões e dúvidas dos usuários; e vi) funcionalidades específicas tal como a sincronização do vídeo com as transcrições, um complexo sistemas de buscas e a capacidade de operar com até quatro câmeras simultaneamente. (LEITE, 2008, p. 142)¹⁰.

Este *software* permite ao usuário a criação de trilhas, quantas forem necessárias, levando em consideração a necessidade do pesquisador, que pode fazer anotações sincronizadas com os pontos do vídeo que elas representam. Nesta pesquisa, as transcrições dos dados foram realizadas no programa ELAN, na sua versão 4.9.4, e as anotações foram feitas diretamente no editor do formato do programa.

¹⁰ O programa está disponível gratuitamente para download no site <<http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>

Nesta pesquisa, foram criadas quatorze trilhas, correspondendo às necessidades e interesses deste estudo, a saber: 1) Segmentação; 2) Modos de comunicação da professora Paula; 3) Modos de comunicação da Fernanda; 4) Paula; 5) Fernanda; 6) Fernanda 2; 7) Crianças; 8) Criança 1; 9) Criança 2; 10) Criança 3; 11) Criança 4; 12) Criança 5; 13) Criança 10; 14) Criança 11.

A trilha intitulada Segmentação foi criada com o intuito de dividir o encontro com as crianças em suas sessões constituintes, intituladas conforme a ordem de acontecimentos, a saber: (1) Apresentação da Fernanda e da tarefa pedagógica pela professora Paula; (2) Contação da fábula em Libras; (3) Discussão com as crianças sobre a fábula e seus personagens; (4) Proposta da nova tarefa pedagógica; (5) Saída da sala. Essa divisão, marcando o tempo final e inicial no ELAN, auxiliou na organização das trilhas posteriores, dentro de cada situação interativa.

No que concerne às trilhas Modos de comunicação da professora Paula e Modos de comunicação da Fernanda, ambas foram compostas pelas modalidades de comunicação que emergiram no decorrer da transcrição: bimodalismo, gestos, Libras e Língua Portuguesa. As trilhas subsequentes, nomeadas de Paula, Fernanda, Crianças; C1, C2, C3, C4, C5, C10, C11, foram constituídas das falas dos participantes presentes nas interações comunicativas da tarefa selecionada para ser analisada.

Quanto à transcrição da entrevista final que realizei com a professora Paula, para conhecer a sua visão enquanto colaboradora da pesquisa e participante do Projeto de extensão “Libras na Creche”, como procedimento, ouvi o áudio e digitei em português escrito, tanto as perguntas feitas a ela quanto as suas respectivas respostas.

Em relação à entrevista final com a Fernanda, foi feita em Libras, e sua forma de registro, em vídeo. Para traduzir as perguntas e as respostas para o português escrito, como procedimento, assisti ao vídeo várias vezes e elenquei as expressões e termos específicos. Em seguida, com o auxílio do programa VoiceNote¹¹, acompanhei o vídeo e realizei a interpretação simultânea, que era registrada em português escrito no programa. Após esse procedimento, revisei

¹¹ Este é um programa gratuito disponibilizado em uma plataforma de reconhecimento de voz pelo Google.

e ajustei o texto traduzido, conforme o tom da expressão manifestada na resposta.

3.3 A tarefa “A lebre e a tartaruga”

O planejamento da tarefa “A lebre e a tartaruga” foi inspirado em alguns passos da técnica *Role Play*. Esse planejamento consistiu no ato de Fernanda contar a fábula em Libras para as crianças – depois que elas já conhecessem a história em Português, narrada pela professora Paula alguns dias antes do nosso encontro –, para garantir que elas estivessem mais familiarizadas com o conteúdo e com o contexto da fábula, e comigo atuando como intérprete de Libras em momentos específicos.

Após a contação da história em Libras e depois dos comentários das crianças sobre a fábula, os personagens e as situações vivenciadas por eles, fizemos uma atividade manual de produção dos animais em argila e, ao final, um *Role Play*, no qual as crianças encenaram a história e apresentaram os sinais que aprenderam e a sua expressividade corporal. A fábula, antes de ser narrada, foi adaptada para a Libras, pois consideramos necessária tal ação, para melhor entendimento pelo público-alvo, que eram aprendizes iniciantes na Libras.

A realização da tarefa foi dividida em dois momentos, pois, em virtude do tempo de aula, não era viável realizar tudo o que estávamos propondo no plano em um único encontro. Assim, o planejamento ficou organizado da seguinte maneira: no primeiro encontro, trabalhamos a compreensão da fábula, do contexto e dos sinais, bem como a produção dos animais com a argila e, no segundo, realizamos a brincadeira de papéis, levando em conta a atuação de cada animal na história apresentada por Fernanda, bem como a criação das crianças para representar os personagens.

A análise que apresento neste artigo envolve a primeira etapa da tarefa, particularmente o momento de contação da história, isto é, o segundo segmento dentre os cinco, transcritos no ELAN e divididos conforme a ordem de acontecimentos.

3.4 Análise e discussão dos dados: reflexões sobre o segundo segmento

No segundo segmento, Contação da fábula em Libras, é a bolsista Fernanda que está à frente da tarefa. Conforme o combinado no planejamento, nesse momento da tarefa, eu não atuei como intérprete de Libras e passei a observar a história junto com os demais participantes.

A narração da fábula “A lebre e a tartaruga” teve duração de 3m15s e, durante a contação, Fernanda demonstrou, de diversas maneiras, a sua habilidade de adaptá-la às crianças. Fernanda não apenas traduziu e adaptou a história do Português para a Libras, mas buscou adequá-la ao perfil do público, enquanto iniciantes nesta segunda língua. A atuação de Fernanda incorporou diversos elementos que foram planejados, tais como a apresentação dos sinais-chave da narrativa e o uso de expressões faciais e corporais para distinguir os personagens de uma forma mais marcada.

O suporte do registro em vídeo mostrou que Fernanda intuitivamente utilizou diversas outras estratégias que não havíamos previsto no plano, e que foram relevantes para a interação com os aprendizes iniciantes na Libras: a) recursos variados para facilitar a identificação do contraste entre os personagens; b) repetições de enunciados e c) gestos emblemáticos e descritivos mais familiares ao público ouvinte em combinação com, ou até em substituição aos sinais convencionais da Libras.

Fernanda iniciou a narrativa descrevendo os dois personagens da história, a partir das suas características físicas e psicológicas. Primeiro, ela destacou que a história envolveria dois personagens, marcando um deles no espaço à sua direita por meio de um apontamento para um classificador semântico (SUPALLA, 1986). É como se Fernanda dissesse: “Veja, há um personagem aqui nesse local, e um outro personagem neste outro local. São dois animais”.

Em seguida, para descrever os animais, Fernanda produz gestos icônicos, para representar as orelhas grandes e o bigode comprido da lebre, além da sua maneira de andar. Esses gestos descritivos icônicos são comuns

em narrativas na Libras, mas aqui notamos a sua produção de maneira lenta e ritmada.

A apresentação da personagem lebre culmina com a introdução do sinal convencional da Libras COELHO¹², de forma marcada, repetindo 6 vezes o movimento do sinal. Enquanto sinalizava, ela olhava para várias crianças do grupo. Essa estratégia parece ser relevante para promover o *feedback* das crianças, já que, no tempo que ela leva para realizar o sinal COELHO, várias delas imitam esse sinal.

Ao passar da lebre para a tartaruga, Fernanda novamente começa enfatizando a troca de personagens, localizando a personagem tartaruga à sua esquerda. Em seguida, produz o sinal convencional TARTARUGA, produz um gesto icônico para qualificá-la como pequena, e demonstra sua maneira lenta de andar e comer. Durante a contação da história, Fernanda usou também como estratégias as repetições de enunciados há pouco narrados, oferecendo um apoio maior ao processo de compreensão em tempo real por parte do público ali presente.

Uma outra característica da narração de Fernanda que nos chamou a atenção foi o uso de gestos descritivos e/ou emblemáticos, mais familiares ao mundo dos ouvintes, em combinação com sinais convencionais da Libras, que, apesar de icônicos, mostram-se bastante opacos para pessoas sem proficiência na língua de sinais (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Essa estratégia de exploração de gestos mais familiares ao público ouvinte parece ter a função de facilitar a retomada de referentes da narrativa. Em vez de simplesmente de utilizar o sinal convencional COELHO, em uma das ocorrências da retomada desse personagem, Fernanda utiliza o recurso de gestos descritivos antes de produzir o sinal, oferecendo, assim, mais elementos para a identificação do referente.

No decorrer da contação, embora não seja possível garantir que as participações de todas as crianças tenham sido percebidas por Fernanda, devido à dinâmica do seu olhar durante a narrativa e considerando-se a mútua

¹² Os nomes dos animais são escritos com letras maiúsculas para representar os sinais convencionais da Libras.

exclusividade de diferentes focos de atenção visual (MCILVENNY, 1991; LEITE, 2008), pode-se dizer que elas participaram de duas formas principais: em Libras, por meio de imitações de sinais feitos por Fernanda, e também em Português.

Durante a participação das crianças, identificamos a presença de algumas intervenções da Paula, professora do grupo 4/5B e também participante colaboradora da pesquisa. Quando as produções das crianças ocorreram em Libras, Paula não fez qualquer interferência. Porém, quando as participações foram em Português, Paula interviu imediatamente em todas as ocorrências, pedindo silêncio às crianças, solicitação por vezes acompanhada de um gesto de silêncio, colocando o indicador sobre a boca e, em seguida, apontando para Fernanda, como um ato de pedir às crianças que prestassem atenção à narração.

Curiosamente, esse *feedback* das crianças em Português foi produzido em resposta direta à narração, apontando aspectos da sinalização que elas não haviam compreendido, no entanto, Paula não apenas avaliou o *feedback* como inapropriado, como também inferiu que falas em Português indicariam uma falta de atenção das crianças à narrativa. Esse tipo de participação de Paula em relação ao *feedback* das crianças em Português parece ser uma atitude em resposta a nossa preocupação em criar um espaço no qual a Libras pudesse ser majoritária nas interações.

3.4.1 Discussão dos dados

A elaboração e a análise dessa atividade permitiram-nos identificar e refletir sobre possíveis estratégias para introduzir a Libras para aprendizes iniciantes. É importante lembrar, contudo, que compreender uma narrativa envolve ir muito além de identificar ou imitar referentes com base em sinais isolados, como foi o caso da participação das crianças durante a narrativa.

Para compreender a narrativa, é necessário compreender a complexa gramática sinalizada, envolvendo o uso do espaço e do corpo para marcar personagens, lugares, estabelecer relações entre diferentes ações, marcar o clímax da história, e assim por diante.

Embora a iconicidade tenha sido utilizada como estratégia por Fernanda durante a narrativa e possa de fato ser explorada como um recurso de contextualização da Libras para aprendizes iniciantes – como no caso das crianças em nossa pesquisa – seria importante cautela para não incorrer no mito de vermos as línguas de sinais como um código “transparente”, portanto universal, o que estaria muito mais próximo de uma performance pantomímica de uma história do que de uma narrativa em língua de sinais.

Muitos autores reconhecem o caráter icônico das línguas de sinais, ou seja, a motivação de sua forma em relação à nossa percepção sobre o significado dos sinais. Contudo, desde Klima e Bellugi (1979), as pesquisas com línguas de sinais reconhecem também que a iconicidade não se contrapõe à arbitrariedade, isto é, o sinal icônico tem uma forma motivada, mas essa forma é arbitrária e/ou convencionalmente definida por diferentes comunidades de surdos.

Além disso, pelo fato de os sinais se constituírem como um recorte gestual econômico da experiência corporal mais ampla, muitos sinais podem ser altamente opacos para o público não familiarizado com as línguas de sinais (KLIMA; BELLUGI, 1979). Assim, os sinais icônicos também dependem da convenção dos falantes de uma determinada comunidade e são determinados por questões sociais e culturais (TAUB, 2011; WILCOX, 2004), podendo não ser compreendidos de maneira clara e efetiva por aprendizes iniciantes da Libras, envolvidos em uma interação com uma pessoa surda.

Apesar dessa observação, a análise da performance de Fernanda mostra que ela de fato adotou várias estratégias, visando a tornar a narrativa a mais próxima possível do universo das pessoas ouvintes, especialmente o das crianças, e que a exploração de recursos icônicos variados, sinais, gestos emblemáticos e descritivos podem ser uma estratégia de contextualização importante do discurso.

Entre os recursos identificados em sua performance narrativa estão: a) apresentação bastante marcada dos espaços específicos que cada um dos personagens da história ocupa, no início e ao longo da história; b) uso de expressões faciais, corporais e gestos icônicos de caráter descritivo para introduzir o personagem, apresentando o sinal convencional da Libras para o

animal somente ao final; c) uso de apontamentos e de gestos convencionais familiares ao mundo dos ouvintes, de forma associada ou até em substituição aos sinais convencionais da Libras e d) exploração de repetição de sinais e expressões.

As estratégias identificadas na narração de Fernanda talvez sejam um exemplo concreto do que Leite (2000) descreve, de forma genérica, como a excelente “comunicabilidade de professores surdos de Libras”. De acordo com o autor, a sua compreensão da produção em Libras dos seus professores na sala de aula parecia excelente, dando uma ilusão de que estava entendendo muito bem a Libras, diferente de sua experiência quando ele estava imerso em meio a um diálogo espontâneo de surdos em um contexto extraclasse, em que encontrava grande dificuldade para acompanhar as conversas em Libras.

As estratégias aqui descritas na performance¹³ de Fernanda possivelmente estão entre as habilidades que professores de Libras trazem para tornar o seu discurso em Libras mais compreensível para aprendizes iniciantes. Leite (2000) atribui essa habilidade ao contexto sociolinguístico de vida dos surdos, que desde a infância se veem na necessidade contínua de se fazerem entender e compreender pessoas ouvintes que não compartilham do seu conhecimento da Libras, exigindo grande versatilidade comunicacional como uma habilidade básica para toda a vida da pessoa surda.

Em relação às crianças, diante das características do discurso de Fernanda, e também das demais estratégias de contextualização, elas ofereceram um variado *feedback* à performance da narrativa, participando de forma multimodal, ora por meio de vocalizações, ora do uso do Português, ora imitando sinais em Libras emergentes na narrativa.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo inicial a exploração de ideias das metodologias de ensino de L2 para o ensino da Libras para crianças

¹³ Neste trabalho, compreendo a performance do contador de história a partir das propostas de Zumthor (2000), dentre as quais destaco a performance com audição acompanhada de uma visão global da situação de enunciação, por considerar que ela propicia a interação entre narrador e ouvintes, permitindo a participação de ambos na história de forma concreta, bem como corresponde aos objetivos deste trabalho.

ouvintes. À medida que a pesquisa foi sendo realizada, o percurso foi mostrando que existiam outras questões mais urgentes, que precisavam ser discutidas, relativas aos aspectos socioculturais e situacionais presentes na realização das atividades lúdicas em Libras com as crianças ouvintes, especialmente na tarefa “A lebre e a tartaruga”.

Dentre os aspectos socioculturais e situacionais relevantes que emergiram do desenvolvimento da tarefa “A lebre e a tartaruga”, destaco o segundo segmento, intitulado “Contaçãõ da fábula em Libras”, o qual foi analisado com foco nos recursos icônicos e nas estratégias utilizadas por Fernanda.

A análise desse segmento mostrou que a narrativa de Fernanda foi composta de forma intuitiva de várias estratégias, que enriqueceram não somente a performance da narrativa, mas também viabilizaram a contextualização da fábula e a aproximaram do conhecimento compartilhado pelas crianças ouvintes.

Ademais, o suporte do registro em vídeo não somente auxiliou na observação de maneira acurada e no detalhamento das estratégias utilizadas por Fernanda, bem como reiterou que os recursos icônicos, a repetição dos sinais e o uso de gestos emblemáticos contribuíram para a compreensão da fábula pelas crianças, como também ampliaram a participação delas durante a narrativa.

Referências

CUXAC, C. *La langue des signes française (LSF): Les voies de l'iconicité.* (Faits de langues). 1. ed. Paris: Éditions Ophrys, 2000.

FERREIRA BRITO, L. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. *Sign Language Studies*. v. 13, n. 42, 1984, p. 45-56.

_____. (Ed.) *Geles: Grupo de estudos sobre linguagem, educação e surdez.* Rio de Janeiro: UFRJ, ano 3, n. 3, 1988.

_____. (Ed.) *Geles: Grupo de estudos sobre linguagem, educação e surdez.* Rio de Janeiro: UFRJ, ano 4, n. 4, 1990.

- _____. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- _____. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- LADOUSSE, G.P. *Role play: Resource Books for Teachers*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- LEITE, T.A. *Pesquisa autobiográfica de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira como segunda língua: Estudo em Diário*. Série Publicações Ocasionais 2. São Paulo: Escola do Futuro/Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. *O ensino de segunda língua com foco no professor: História oral de professores surdos de língua de sinais brasileira*. 2004. 250f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- _____. *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.
- _____. The study of conversational interaction as a resource for the linguistic description of Brazilian Sign Language. *Theoretical Issues in Sign Language Research*, 2006.
- _____. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In: QUADROS, R.M.; STUMPF, M.; LEITE, T.A. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014. p. 37-58.
- _____. *Relatório do Projeto Libras na Creche*. UFSC, 2015.

_____. MCCLEARY, L. A identificação de unidades gramaticais na Libras: Uma proposta de abordagem baseada no uso. *Revista Todas as Letras*, v. 15, p. 62-87, 2013.

LIDDELL, S.K. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: MCNEILL, D. (Ed.) *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000. p. 331-357.

_____. *Grammar, gesture, and meaning in American sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Tese (Doutorado) – Universidade da California, San Diego. Universidade Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, 1986.

McCLEARY, L. Bilinguismo para surdos: brega ou chique? In: V CONGRESSO INTERNACIONAL E XI SEMINÁRIO NACIONAL. SURDEZ: FAMÍLIA, LINGUAGEM, EDUCAÇÃO. *Anais...* Rio de Janeiro: INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2006. p. 288-293.

_____. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.) *Bilinguismo e Surdez: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

McCLEARY, L.; LEITE, T. A. Turn-taking in Brazilian Sign Language: Evidence from Overlap. *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, v. 4, p. 123-154, 2013.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: *Congresso Internacional da ABRALIN, 4*, Brasília. Simpósio Língua de Sinais e Bilinguismo, p. 1-28, 2005.

_____. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*, v. 1, p. 289-304, 2011.

_____. *Semântica e Pragmática*. Florianópolis: UFSC-CCE, 2009.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: A questão da transcrição dos dados. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 54, p. 265-289, 2010.

McILVENNY, P. Seeing conversations: analyzing sign language talk. In: TEN HAVE P., PSATHAS, G. (ed.) *Order: Studies on the Social Organisation of Talk and Embodied Activities*. Washington, DC: University Press of America, 1995. p. 129-150.

TAUB, S.F. *Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

WILCOX, S. Struggling for a voice: An interactionist view of language and literacy in Deaf education. In: JOHN-STEINER, V.; PANOFSKY, C.P.; SMITH, L.W. *Sociocultural approaches to language and literacy: an interactionist perspective*. Cambridge University Press, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.